

CASA, TRABALHO E GÊNERO: O COTIDIANO DOS (AS) “BÓIAS-FRIAS” PELA DESCRIÇÃO DO VISÍVEL

Glauber Lopes Xavier¹
Reycilane Carvalho Chadud²

Introdução

Este trabalho resulta de reflexões geradas a partir de pesquisa de campo realizada pelo autor quando da elaboração do texto de dissertação de mestrado. Como parte desta pesquisa, figura estudo acerca das condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras “bóias-frias”, cuja força de trabalho é explorada no campo, contudo, é reproduzida, cotidianamente, no urbano. Fragmento deste estudo é, aqui, apresentado a fim de permitir a construção de um pensamento no qual o imaginário e o poético encontram-se imersos nas ciências sociais. Para tanto, foram fundamentais as imagens registradas, bem como as falas obtidas, ou seja, os *devaneios* pelas casas em alusão à Gastón Bachelard, o que permitem, segundo Henri Lefebvre, uma *descrição do visível*, primeiro momento de seu método regressivo-progressivo. Nesta perspectiva, será privilegiada a tríade casa, trabalho e gênero. A casa não apenas como espaço reprodutivo, mas também por se tratar de um invólucro de representações, as quais simbolizam, a partir de signos e sinais, a condição de “bóia-fria”. O trabalho por ocupar centralidade no fenômeno humano total *necessidade-trabalho-gozo* e, por fim, o gênero, entendendo que as circunstâncias de reprodução da força de trabalho das mulheres cortadoras de cana possuem especificidades que devem ser consideradas, as quais estão diretamente ligadas ao espaço doméstico, tanto do ponto de vista que a figura feminina representa quanto das próprias representações que demarcam neste espaço como expressão de seus desejos, aspirações, enfim, de suas intimidades. O objetivo central deste trabalho é promover uma reflexão acerca da condição da mulher “bóia-fria” a partir do espaço da casa, mas, ainda, tecer algumas considerações atinentes à importância de uma sociologia do poético e do imaginário. Ademais destas preocupações, outras questões serão abordadas, como a modernidade enquanto representação na vida cotidiana dos trabalhadores, assim como as próprias condições de sua reprodução. Neste sentido, a descrição do visível ser-nos-á valiosa, possibilitada pelo registro de imagens, além da riqueza contida nas falas dos trabalhadores e trabalhadoras entrevistados.

Palavras-chave: Casa. “Bóias-Frias”. Gênero

Metodologia, resultados e discussão

Metodologicamente, este trabalho ancora-se no procedimento *regressivo-progressivo* postulado por Henri Lefebvre (1975). A partir deste procedimento intentamos unir, à sociologia, processos históricos. Tem-se que a descrição do visível consiste num primeiro momento deste método, o qual permitirá avançar em seu exercício de posterior datação e explicação do presente. O mesmo permite apreender a situação feminina a partir das representações, assim como a própria modernidade e o

¹ Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Endereço: Rua Deocleciano Moreira Alves, Qd. 3, Lt. 19. Setor: Residencial Pedro Ludovico. CEP: 75.124-878. Anápolis, Goiás. E-mail: glauberlx@hotmail.com.

² Socióloga pela Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora de gênero do NEST (Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho).

trabalho na contemporaneidade. Em termos de estratégia de pesquisa, foram realizadas entrevistas a partir de questionários semi-abertos, bem como registro imagético (MARTINS, 2008). Como resultado, apresentamos alguns fragmentos do trabalho. Dentre as fotos, damos destaque a de uma das paredes da sala de um cortador de cana. Nela, encontram-se retratos de uma famosa dupla sertaneja, Leandro e Leonardo, calendários com imagens alusivas à religiosidade (Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e São Francisco), além de calendário com imagens de políticos locais e um quadro com um trecho do salmo 91. Distante de denotar o desprezível, essa mistura de temas enceta profícuas reflexões. Ali, é demarcada a fé, a esperança, a devoção, a preferência musical e, obviamente, sob quais perspectivas o capital ampara-se a fim de tornar efetiva sua capacidade reprodutiva. Nesse sentido, nos referimos ao fato de que as insígnias religiosas e políticas ali observadas encontram-se estampadas em calendários. Tomemos como exemplo a imagem de uma famosa dupla sertaneja goiana disposta em quadros na parede da casa do Sr. Pedro. Algo há de interessante nisso: uma contradição ensejada pela ruralidade amalgamada à urbanidade, revelada nas músicas que não somente essa, mas várias duplas do país cantam. Essa contradição, diga-se de passagem, é divergente daquela apresentada por Martins em trabalho no qual analisou a manifestação cultural a partir da música caipira e da música sertaneja. Enquanto Martins percebeu uma profunda contradição, identificamos, na música sertaneja da atualidade, o chamado sertanejo romântico, algo distinto: a exaltação do modo de vida urbano, o que não deixa de ser uma contradição, posto que ela materializa-se no presente e no ausente. Sobre presença e ausência, referimos ao personagem que representa o “*conservadorismo expresso na ironia da música sertaneja*” (Martins, 1975, p. 139), a mulher. A mulher perfilou as letras de músicas sertanejas enquanto elemento central do ponto de vista das contradições entre o pacato e rústico modo de vida rural e o moderno e repleto de novidades modo de vida urbano. Evidentemente que a mulher representada nas músicas do contemporâneo sertanejo romântico não é evocada como personagem cuja identidade é a do humilhado, a do subalterno com relação à vida moderna. Entretanto, o mesmo personagem prevalece numa posição de centralidade semântica na música sertaneja; A mulher é, agora, subalterna ao homem, referenciada como epicentro de conflitos amorosos, prova cabal de que a tentativa de ultrapassagem do humilhado não se fez eficaz. Suas letras muitas vezes reportam à modernidade, falam de aviões, automóveis, a condição da mulher que emerge de um novo modo de vida, como a letra da canção *Pense em mim*, composta por Douglas Maio, José Ribeiro e Mário Soares, gravada pela dupla Leandro e Leonardo. Como na casa do Sr. Pedro, quadros dos filhos adornam as paredes das casas das “bóias-frias” Sr.^a Nair e Sr.^a Diva. É em seus filhos que os pais depositam confiança em melhores condições de vida. Esperam que, por meio dos estudos, possam superar as agruras de suas realidades. Assim manifestou a Sr.^a Nair, ao dizer que trabalhava a fim de propiciar condições para que suas duas filhas possam concluir os estudos e adquiram uma profissão melhor que a sua, onde possam ser reconhecidas e não tenham grande esforço físico. O espaço da casa é rico de informações acerca das angustias, anseios, desejos, conquistas e sonhos desses trabalhadores. Compreendendo a fenomenologia na acepção que confere Bachelard (1996), a restituição do real a partir do devaneio poético, a percepção das imagens transpõe a pura descrição. Noutros termos, a imagem é viva e é, por isso, *anima*. “*A anima à qual nos conduzem os devaneios do repouso nem sempre é bem definida por seus afloramentos na vida cotidiana.*” Nela, residem aspirações, desejos, sensações. Trata-se da psicologia feminina profunda. É o cotidiano um tempo e um espaço em *anima*. Ainda sobre o espaço da casa, nos causou interesse o registro de imagens não apenas de algumas paredes, mas também de estantes, mesas,

eletrodomésticos, enfim, do que, a nós, comportasse um valoroso signo de demarcação do cotidiano desses trabalhadores. É preciso ressaltar que as conquistas materiais, por menores que sejam, são possíveis às dispensas de muito trabalho. Esta é, sem dúvida, uma estratégia ideológica do patronato, assim como o é a formatação do bom cortador ou cortadora de cana. Essas artimanhas do patronato engendram, nas palavras de Maria Aparecida de Moraes Silva (1999), o controle e a dominação da força de trabalho. “*Paulatinamente, vai se construindo um trabalhador padronizado, transformado em força de trabalho. Além disso, no interior do mesmo processo produtivo, criam-se e recriam-se as divisões entre a mesma categoria de trabalhadores: homens, mulheres, os bons, os maus, os fixos, os volantes etc.*” A Sr.^a Francisca, de 49 anos e natural de Vila Propício, Goiás, está no corte de cana desde 1984 e é uma trabalhadora cuja experiência atesta essa elaboração, em considerável medida ideológica, do bom cortador de cana. Quando iniciara na atividade, tinha apenas 24 anos. Hoje, é conhecida popularmente como “vovó” Francisca. Embora tantos anos na atividade tenham lhe tomado muito do vigor físico, o tempo foi fundamental na formatação de uma exímia trabalhadora do corte de cana. Por meio da entrevista, foi possível perceber peculiaridades a partir do comportamento da Sr.^a Francisca. De poucas palavras, informou que raramente faltava ao trabalho. Durante a última safra faltou apenas um dia, por motivos de saúde. O automóvel, um Del Rey, portanto antigo e usado e sua casa, ainda em construção, são motivos de orgulho para a Sr.^a Francisca. Segundo ela, tudo resultou de muitos anos de trabalho. Representa, destarte, verdadeiras conquistas, a materialização do suor derramado nos eitos, das marcas no rosto imprimidas pelo tempo e pelo desgaste físico. Há, é preciso dizer, diferenças substanciais entre o cotidiano de homens e o de mulheres bóias-frias. Dentre elas, o trabalho doméstico, geralmente realizado pelas mulheres. Durante a entrevista, a Sr.^a Francisca foi enfática ao dizer que trabalha na cana e trabalha em casa. Assim ela manifestou: “*Não sobra tempo para nada*”. O tempo de lazer é pouco desfrutado pelos bóias-frias da cana. Um tempo que praticamente não existe nos períodos de safra.

Conclusões

Cansados pela lida no trabalho, quando retornam dos canaviais, homens e mulheres buscam apenas o repouso dos corpos. No caso das mulheres, esperam-lhes atividades como a lavagem de roupas e o preparo da alimentação. A casa significa, ademais, um espaço de representação, no qual estão impressos os anseios, desejos e aspirações dos trabalhadores. Por estar vinculada historicamente à figura feminina, é sobre a *anima* que nos debruçamos, procurando apreender o cotidiano de mulheres que são, a um só tempo, superexploradas nos canaviais e mantenedoras das condições mínimas para a reprodução da força de trabalho de maridos e filhos, como é o caso emblemático da “vovó” Francisca,

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____, *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.